

FHC = 1 MAI 1997

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

FH formaliza convite a Lula

O Palácio do Planalto agiu rápido para neutralizar os efeitos da resposta de Luís Inácio Lula da Silva ao presidente Fernando Henrique, dizendo que nunca havia sido convidado formalmente para uma conversa a dois. Lula respondeu à acusação de FH, segundo a qual a oposição seria intolerante por se recusar ao diálogo. Pois ontem mesmo o presidente pediu que seu chefe de gabinete, Lucena Dantas, telefonasse para Lula e marcasse um encontro entre os dois na próxima sexta-feira, dia 9.

O local quem escolhe é Lula e a agenda será livre, a não ser a respeito de um ponto específico que Fernando Henrique faz questão de discutir: as reformas constitucionais. Não se sabe se o presidente chegará a pedir ao líder do PT apoio de seu partido às votações, mas é certo que vai querer pelo menos esmiuçar a posição petista a respeito delas.

O governo quer deixar bem claro que a iniciativa do convite oficial é dele, pretendendo com isso impedir que a oposição capitalize a resposta de Lula, que, surpreendentemente, foi de fato competente. "Se eu conversei até com o Antônio Carlos Magalhães, por que não conversaria com ele?", disse, ao negar que alguma vez tenha sido solicitado a comparecer ao Palácio do Planalto ou ao Palácio da Alvorada.

O presidente reagiu com surpresa, e obviamente com alguma irritação, à afirmação de Lula, pois considerou que ele não contou toda a verdade a respeito das conversas de bastidor que vêm se desenvolvendo desde fevereiro em torno da possibilidade desse encontro. Na avaliação do governo, Lula procurou dar a impressão de que recebeu recados vagos para encontros sigilosos.

E, de acordo com a versão do Planalto, as coisas não se passaram bem assim. São os seguintes os fatos, de acordo com o relato do governo:

Pouco depois da votação da emenda da reeleição na Câmara, o embaixador Sérgio Amaral, porta-voz da Presidência da República e secretário nacional de Comunicação, fez uma reunião em sua casa, onde estavam o ministro da Cultura, Francisco Weffort, o assessor especial, Vilmar Farias, o deputado Aluísio Nunes Ferreira e o cientista político responsável pelo esquema de pesquisas de opinião do governo, Antônio Lavareda Filho.

Nesse encontro foi discutida a necessidade de o governo parar de pensar em curto prazo, pois, diante da possibilidade de um segundo mandato, era necessário incluir na agenda nacional debates sobre questões mais amplas como reforma agrária, política industrial, universidade etc.

Nessas discussões, concluiu-se ali, deveriam ser inseridos novos interlocutores além dos que o governo acostumou-se a conversar. Traduzindo, era urgente a abertura do leque à oposição.

Sérgio Amaral levou a proposta ao presidente, que deu o sinal verde para as consultas.

Dias depois, o embaixador se encontrou com o governador de Brasília, o petista Cristóvam Buarque, e relatou o que se passava. O governador respondeu que andava pensando o mesmo e o porta-voz então se propôs a fazer um jantar para ele com aquele mesmo grupo do encontro que dera origem à idéia.

Por iniciativa de Cristóvam, resolveram também convidar o deputado José Genoíno e a senadora Marina Silva. Consultados, os dois responderam que achavam a idéia excelente, mas o momento inoportuno, uma vez que dentro de menos de dois meses haveria uma situação de confronto entre governo e oposição, com a chegada da Marcha dos Sem-Terra a Brasília.

O jantar aconteceu no dia 27 de fevereiro na casa de Amaral, com o governador de Brasília, o ministro da Cultura e o presidente Fernando Henrique. Os dois parlamentares petistas de fato não foram. Ali se conversou sobre tudo, o Brasil, o mundo e suas implicações. Falaram de coisas importantes, mas também jogaram conversa fora.

A conclusão, no entanto, é que foi fundamental: era necessário convidar Lula para uma conversa. "Acho ótimo", disse o presidente, acrescentando que a agenda seria livre e que a Lula seria dada a prerrogativa de marcar a data.

Cristóvam outra vez foi o mensageiro do convite. E levou ao Planalto como resposta a disposição de Lula de efetivamente conversar, mas outra vez houve a alegação de que o momento não era oportuno. "É melhor esperar mais um pouco", mandou dizer o líder petista.

E foi a esses acontecimentos que o presidente alega ter se referido quando disse que já havia convidado Lula para um encontro e ele se recusado. Fernando Henrique não apenas se surpreendeu ao ler nos jornais Lula negando a existência do convite como não achou polida a impressão dada de que havia feito propostas sigilosas e vagas.

Segundo esse relato, no primeiro convite feito a Genoíno ele próprio perguntou se o encontro seria sigiloso e obteve como resposta uma negativa. Seria tudo público, de preferência num dos dois palácios.

De qualquer maneira, se Lula entendeu o convite anterior como apenas uma sondagem formal, o telefonema de Lucena deve servir para esclarecer de vez que, agora, está sendo formalmente chamado a sentar com o presidente da República e colocar na mesa, com clareza, competência e maturidade, o que pensa e propõe a oposição.

O presidente diz que Lula marca agenda, hora e local, mas faz questão de conversar sobre as reformas